

Pequenas comunidades cristãs foram fundadas em ambiente de muitas alegrias.

Após muito tempo de labor, resolveram regressar ao núcleo original do seu esforço. Vencendo etapas difíceis, visitaram e encorajaram todos os irmãos escalonados nas diversas regiões da Licaônia, Galácia e Panfília.

De Perge desceram à Atália, de onde embarcaram com destino à Seleucia e dali ganharam Antióquia.

Ambos haviam experimentado a dificuldade dos serviços mais rudes. Muita vez se viram perplexos com os problemas intrincados da empresa: em troca da dedicação fraternal haviam recebido remoques, açoites e acusações pífidas; e contudo, através do abatimento físico e dos gélidos, irradiavam ondas invisíveis de intenso júbilo espiritual. E' que, entre os espinhos da estrada escabrosa, os dois companheiros desassombrados mantinham ereta a cruz divina e consoladora, espalhando a mancheias as sementes benditas do Evangelho de Redenção.

V

LUTAS PELO EVANGELHO

O regresso de Paulo e Barnabé foi assinalado em Antioquia com imenso regosijo. A comunidade fraternal admirou, profundamente comovida, o feito dos irmãos que haviam levado a regiões tão pobres, e distantes, as sementes divinas da verdade e do amor.

Por muitas noites consecutivas, os recém-chegados apresentaram o relatório verbal de suas atividades, sem omitir um detalhe. A igreja antioquina vibrou de alegria e rendeu graças ao céu.

Os dois dedicados missionários haviam voltado em uma época de grandes dificuldades para a instituição. Ambos perceberam-nas, contristados. As contendas de Jerusalém estendiam-se a toda a comunidade de Antioquia; as lutas da circuncisão estavam acesas. Os próprios chefes mais eminentes estavam divididos pelas afirmativas dogmáticas. Tão alto grau atingiram os discrímes que as vozes do Espírito Santo não mais se manifestavam. Manahen, cujos esforços na igreja eram indispensáveis, mantinha-se á distancia, em vista das discussões estéreis e venenosas. Os irmãos achavam-se extremamente confusos. Uns eram partidários da circuncisão obrigatória, outros batiam-se pela independência irrestrita do Evangelho. Eminentemente preocupado, o prégador tarsense observou as polemicas furiosas, a respeito de alimentos puros e impuros.

Tentando estabelecer a harmonia geral em tórno dos ensinamentos do Divino Mestre, Paulo tomava inutil-

mente a palavra, explicando que o Evangelho era livre e que a circuncisão era, tão somente, uma característica convencional da intolerância judaica. Não obstante sua autoridade incontestada, que se aureolava de prestígio perante a comunidade inteira, em vista dos grandes valores espirituais conquistados na missão, os desentendimentos persistiam.

Alguns elementos chegados de Jerusalém complicaram ainda mais a situação. Os menos rigorosos falavam da autoridade absoluta dos apóstolos galileus. Comentava-se, á sorrelfa, que a palavra de Paulo e Barnabé, por muito inspirada que fôsse nas lições do Evangelho, não era bastantemente autorizada para falar em nome de Jesus.

A igreja de Antioquia oscilava numa posição de imensa perplexidade. Perdera o sentido de unidade que a caracterizava, dos primórdios. Cada qual doutrinava do ponto de vista pessoal. Os gentios eram tratados com zombarias, organizavam-se movimentos a favor da circuncisão.

Fortemente impressionados com a situação, Paulo e Barnabé combinam um recurso extremo. Deliberam convidar Simão Pedro para uma visita pessoal á instituição de Antioquia. Conhecendo-lhe o espírito liberto de preconceitos religiosos, os dois companheiros endereçam-lhe longa missiva, explicando que os trabalhos do Evangelho precisavam dos seus bons officios e insistindo pela sua atuação prestigiosa.

O portador entregou a carta, cuidadosamente, e com grande surpresa para os cristãos antioquenos o ex-pescador de Cafarnaum chegou á cidade, evidenciando grande alegria em razão do período de repouso físico que se lhe deparava naquela excursão.

Paulo e Barnabé não cabiam em si de contentes. Acompanhando Simão, viera João Marcos que não abandonara, de todo, as atividades evangélicas. O grupo viveu lindas horas de confidências íntimas, a propósito das viagens missionárias, relatadas inteligentemente pelo ex-rabino, e relativamente aos fatos que se desenrolavam

em Jerusalém, desde a morte do filho de Zebedeu, contados por Simão Pedro com singular colorido.

Depois de bem informado da situação religiosa em Antioquia, o ex-pescador acrescentava:

— Em Jerusalém, nossas lutas são as mesmas. De um lado a igreja cheia de necessitados, todos os dias; de outro as perseguições sem tréguas. No centro de todas as atividades, permanece Tiago com as mais ríspidas exigências. A's vezes, sou tentado a lutar para restabelecer a liberdade dos princípios do Mestre; mas, como proceder? Quando a tempestade religiosa ameaça destruir o patrimonio que conseguimos oferecer aos aflitos do mundo, o farisaísmo esbarra na observância rigorosa do companheiro e é obrigado a paralisar a ação criminosa, encetada, desde muito tempo. Se trabalhar por suprimir-lhe a influencia, estarei precipitando a instituição de Jerusalém no abismo da destruição pelas tormentas políticas da grande cidade. E o programa de Cristo? e os necessitados? seria justo prejudicarmos os mais desfavorecidos por causa de um ponto de vista pessoal?

E ante a atenção profunda de Paulo e Barnabé, o bondoso companheiro continuava:

— Sabemos que Jesus não deixou uma solução direta ao problema dos incircuncisos, mas ensinou que não será pela carne que atingiremos o Reino, e sim pelo raciocínio e pelo coração. Conhecendo, porém, a atuação do Evangelho na alma popular, o farisaísmo autoritário não nos perde de vista e tudo envida por exterminar a árvore do Evangelho, que vem desabrochando entre os simples e os pacíficos. E' indispensável, pois, todo o cuidado de nossa parte, a-fim-de não causarmos prejuizos, de qualquer natureza, á planta divina.

Os companheiros faziam largos gestos de aprovação. Revelando sua imensa capacidade para nortear uma idéia e congraçar os numerosos proselitos em divergência, Simão Pedro tinha uma palavra adequada para cada situação, um esclarecimento justo para o problema mais singelo.

A comunidade antioquena regosijava-se. Os gen-

tos não ocultavam o jubilo que lhes ia na alma. O generoso Apóstolo a todos visitava pessoalmente, sem distinção ou preferencia. Antepunha sempre um bom sorriso ás apreensões dos amigos que receavam a alimentação "impura" e costumava perguntar onde estavam as substancias que não fôsem abençoadas por Deus. Paulo acompanhava-lhe os passos sem dissimular íntima satisfação. Num louvavel esforço de congratamento, o Apóstolo dos gentios fazia questão de leva-lo a todos os lugares onde houvesse irmãos perturbados pelas idéias da circuncisão obrigatória. Estabeleceu-se, rapidamente, notavel movimento de confiança e uniformidade de opinião. Todos os confrades exultavam de contentamento.

Eis, porém, que chegam de Jerusalém três emissários de Tiago. Trazem cartas para Simão, que os recebe com muitas demonstrações de estima. Daí por diante, modifica-se o ambiente. O ex-pescador de Cafarnaum, tão dado á simplicidade e á independencia em Cristo Jesus, retrai-se imediatamente. Não mais atende aos convites dos incircuncisos. As festividades íntimas e carinhosas, organizadas em sua honra, já não contam com a sua presença alegre e amiga. Na igreja, modificou as mínimas atitudes. Sempre em companhia dos mensageiros de Jerusalém, que nunca o deixavam, parecia austero e triste, jamais referindo-se á liberdade que o Evangelho outorgara á consciencia humana.

Paulo observou a transformação, tomado de profundo desgosto. Para o seu espirito habituado, de modo irrestrito, á liberdade de opinião, o fato era chocante e doloroso. Agravava-o a circumstancia de partir justamente de um crente como Simão, altamente categorizado e respeitavel em todos os sentidos. Como interpretar aquele procedimento em completo desacordo com o que se esperava? Ponderando a grandeza da sua tarefa junto dos gentios, a menor pergunta dos amigos, nesse particular, deixava-o confuso. Na sua paixão pelas atitudes francas, não era dos trabalhadores que conseguem esperar. E após duas semanas de especiação ansiosa, desejoso de proporcionar uma satisfação aos

numerosos elementos incircuncisos de Antioquia, convidado a falar na tribuna para os companheiros, começou por exaltar a emancipação religiosa do mundo, desde a vinda de Jesus Cristo. Passou em revista as generosas demonstrações que o Mestre dera aos publicanos e aos pecadores. Pedro ouvia-o, assombrado com tanta erudição e recursos de hermeneutica para insinuar aos ouvintes os princípios mais difíceis. Os mensageiros de Tiago estavam igualmente surpreendidos, a assembléa ouvia o orador atentamente.

Em dado instante, o tecelão de Tarso olhou fixamente para o Apóstolo galileu e exclamou:

— Irmãos, defendendo o nosso sentimento de unificação em Jesus, não posso disfarçar nosso desgosto em face dos ultimos acontecimentos. Quero referir-me á attitude do nosso hóspede muito amado, Simão Pedro, a quem deveríamos chamar "mestre", se esse título não coubesse de fato e de direito ao nosso Salvador (1).

A surpresa foi grande e o espanto geral. O Apóstolo de Jerusalém tambem estava surpreso, mas parecia muito calmo. Os emissarios de Tiago revelavam profundo mal-estar. Barnabé estava lívido. E Paulo prosseguia sobranceiro:

— Simão tem personificado para nós um exemplo vivo. O Mestre no-lo deixou como rocha de fé imortal. No seu coração generoso temos depositado as mais vastas esperanças. Como interpretar seu procedimento, afastando-se dos irmãos incircuncisos, desde a chegada dos mensageiros de Jerusalém? Antes disso, comparecia aos nossos serões íntimos, comia do pão de nossas mesas. Se assim procuro esclarecer a questão, abertamente, não é pelo desejo de escandalizar a quem quer que seja, mas porque só acredito num Evangelho livre de todos os preconceitos erroneos do mundo, considerando que a palavra de Cristo não está algemada aos interesses inferiores do sacerdócio de qualquer natureza.

(1) As observações de Paulo na Epistola aos Gálatas (2: 11-14) referem-se a um fato anterior á reunião dos discipulos. — (Nota de EMMANUEL).

O ambiente carregara-se de nervosismo. Os gentios de Antioquia fitavam o orador, enternecidos e gratos. Os simpatizantes do farisaísmo, ao contrário, não escondiam seu rancor, em face daquela coragem quasi audaciosa. Nesse instante, de olhos inflamados por sentimentos indefiníveis, Barnabé tomou a palavra, enquanto o orador fazia uma pausa, e considerou:

— Paulo, sou dos que lamentam tua atitude neste passo. Com que direito poderás atacar a vida pura do continuador de Cristo Jesus?

Isso, inquiria-o ele em tom altamente comovedor, com a voz embargada de lágrimas. Paulo e Pedro eram os seus melhores e mais caros amigos.

Longe de se impressionar com a pergunta, o orador respondeu com a mesma franqueza:

— Temos, sim, um direito: — o de viver com a verdade, o de abominar a hipocrisia, e, o que é mais sagrado — o de salvar o nome de Simão das arremetidas farisáicas, cujas sinuosidades conheço, por constituirem o báratro escuro de onde pude sair para as claridades do Evangelho da redenção.

A palestra do ex-rabino continuou rude e franca. De quando a quando, Barnabé surgia com um aparte, tornando a contenda mais renhida.

Entretanto, em todo o curso da discussão, a figura de Pedro era a mais impressionante pela augusta serenidade do semblante tranquilo.

Naqueles rápidos instantes, o Apóstolo galileu considerou a sublimidade da sua tarefa no campo de batalha espiritual, pelas vitórias do Evangelho. De um lado estava Tiago, cumprindo elevada missão junto do judaísmo; de suas atitudes conservadoras surgiam incidentes felizes para a manutenção da igreja de Jerusalém, erguida como um ponto inicial para a cristalização do mundo; de outro lado estava a figura poderosa de Paulo, o amigo desassombrado dos gentios, na execução de uma tarefa sublime; de seus atos heroicos, derivava toda uma torrente de iluminação para os povos idólatras. Qual o maior a seus olhos de companheiro que convivera com o Mestre e dele recebera as mais altas

lições? Naquela hora, o ex-pescador rogou a Jesus lhe concedesse a inspiração necessaria para a fiél observancia dos seus deveres. Sentiu o espinho da missão cravado em pleno peito, impossibilitado de se justificar com a só intencionalidade de seus atos, a menos que provocasse maior escandalo para a instituição cristã que mal alvorecia no mundo. De olhos húmidos, enquanto Paulo e Barnabé se debatiam, teve a impressão de ver novamente o Senhor, no dia do Calvario. Ninguém o compreendera. Nem mesmo os discípulos amados. Em seguida, pareceu vê-lo expirante na cruz do martírio. Uma força oculta induzia-o a ponderar o madeiro com atenção. A cruz de Cristo parecia-lhe, agora, um símbolo de perfeito equilibrio. Uma linha horizontal e uma linha vertical justapostas, formavam figuras absolutamente retas. Sim, o instrumento do supplicio enviava-lhe uma silenciosa mensagem. Era preciso ser justo, sem parcialidade ou falsa inclinação. O Mestre amara a todos, indistintamente. Repartira os bens eternos com todas as criaturas. Ao seu olhar compassivo e magnânimo, gentios e judeus eram irmãos. Experimentava agora, singular acuidade para examinar conscienciosamente as circunstancias. Devia amar a Tiago pelo seu cuidado generoso com os israelitas, bem como a Paulo de Tarso pela sua dedicação extraordinaria a todos quantos não conheciam a idéia do Deus justo.

O ex-pescador de Cafarnaum notou que a maioria da assembléa lhe dirigia curiosos olhares. Os companheiros de Jerusalém deixavam perceber cólera íntima, na extrema palidez do rosto. Todos pareciam convocarlo á discussão. Barnabé tinha os olhos vermelhos de chorar e Paulo parecia cada vez mais franco, verberando a hipocrisia com a sua logica fulminante. O Apóstolo preferiria o silencio, de modo a não perturbar a fé ardente de quantos se arrebanhavam na igreja sob as luzes do Evangelho; mediu a extensão da sua responsabilidade naquele minuto inesquecível. Encolerizar-se seria negar os valores do Cristo e perder suas obras; inclinar-se para Tiago seria a parcialidade; dar absoluta razão aos argumentos de Paulo, não seria justo.

Procurou arregimentar na mente os ensinamentos do Mestre e lembrou a inolvidavel sentença: — o que desejasse ser o maior, fôsse o servo de todos. Esse preceito proporcionou-lhe imenso consôlo e grande força espiritual.

A polemica ia cada vez mais ardida. Extremavam-se os partidos. A assembléia estava repleta de cochichos abafados. Era natural prever uma franca explosão.

Simão Pedro levantou-se. A fisionomia estava serena, mas os olhos estavam ródidos de lágrimas que não chegavam a correr.

Valendo-se de uma pausa mais longa, ergueu a voz que logo apaziguou o tumulto:

— Irmãos! — disse nobremente — muito tenho errado neste mundo. Não é segredo para ninguém que cheguei a negar o Mestre no instante mais doloroso do Evangelho. Tenho medido a misericórdia do Senhor pela profundidade do abismo de minhas fraquezas. Se errei entre os irmãos muito amados de Antioquia, peço perdão de minhas faltas. Submeto-me ao vosso julgamento e rogo a todos que se submetam ao julgamento do Altíssimo.

A estupefação foi geral. Compreendendo o efeito, o ex-pescador concluiu a justificativa dizendo:

— Reconhecida a extensão das minhas necessidades espirituais e recomendando-me ás vossas preces, passemos, irmãos, aos comentários do Evangelho de hoje.

A assistencia estava assombrada com o desfêcho imprevisto. Esperava-se que Simão Pedro fizesse um longo discurso em represália. Ninguém conseguia recobrar-se da surpresa. O Evangelho deveria ser comentado pelo Apóstolo galileu, mediante combinação prévia, mas o ex-pescador, antes de sentar-se, de novo exclamou muito sereno:

— Peço ao nosso irmão Paulo de Tarso o obséquo de consultar e comentar as anotações de Levi.

Não obstante o constrangimento natural, o ex-rabino considerou o elevado alcance daquele pedido, renovou num ápice todos os sentimentos extremistas do coração

ardente e, num formoso improviso, falou da leitura dos pergaminhos da Boa-Nova.

A atitude ponderada de Simão Pedro salvara a igreja nascente. Considerando os esforços de Paulo e de Tiago, no seu justo valor, evitara o escandalo e o tumulto no recinto do santuario. A' custa de sua abnegação fraternal, o incidente passou quasi inapercebido na história da cristandade primitiva, e nem mesmo a referencia leve de Paulo na epistola aos Gálatas, a despeito da forma rígida, expressional do tempo, pode dar idéia do perigo iminente do escandalo que pairou sobre a instituição cristã, naquele dia memoravel.

A reunião terminou sem novos atritos. Simão aproximou-se de Paulo e felicitou-o pela beleza e eloquencia do discurso. Fez questão de voltar ao incidente para versa-lo com referencias amistosas. O problema do gentilismo, dizia ele, merecia, de fato, muito interesse. Como desherdar das luzes de Cristo os que haviam nascido distante das comunidades judáicas; se o proprio Mestre affirmara que os discípulos chegariam do Ocidente e do Oriente? A palestra suave e generosa reaproximou Paulo e Barnabé, enquanto o ex-pescador discorria intencionalmente, acalmando os animos.

O ex-doutor da Lei continuou a defender sua tése com argumentação sólida. Constrangido a princípio, em face da benevolencia do galileu, expandiu-se naturalmente, readquirindo a serenidade íntima. O problema era complexo. Transportar o Evangelho para o judaísmo, não seria asfixiar-lhe as possibilidades divinas? — perguntava Paulo, firmando seu ponto de vista. Mas, e o esforço milenario dos judeus? — interrogava Pedro, advertindo que, a seu ver, se Jesus affirmara sua missão como o exato cumprimento da Lei, não era possível afastar-se a nova da antiga revelação. Proceder de outro modo seria arrancar do tronco vigoroso o galho verdejante, destinado a frutecer.

Examinando aqueles argumentos ponderosos, Paulo de Tarso lembrou, então, que seria razoavel promover em Jerusalém uma assembléia dos correligionarios mais dedicados, para ventilar o assunto com maior amplitu-

de. Os resultados, a seu ver, seriam benéficos, por apresentarem uma norma justa de ação, sem margem a sofismas tão de gosto e hábito farisaicos.

Como alguém que se sentisse muito alegre por encontrar a chave de um problema difícil, Simão Pedro anuiu de bom grado á proposta, assegurando interessar-se para que a reunião se fizesse quanto antes. Intimamente, considerou que seria ótima oportunidade para os discípulos de Antioquia observarem as dificuldades crescentes em Jerusalém.

A' noite, todos os irmãos compareceram á igreja para as despedidas de Simão e para as preces habituais. Pedro orou com santificado fervor e a comunidade sentiu-se envolvida em benéficas vibrações de paz.

O incidente a todos deixara tal ou qual perplexidade, mas, as atitudes prudentes e afáveis do pescador conseguiram manter a coesão geral em tórno do Evangelho, para continuação das tarefas santificantes.

Depois de observar a plena reconciliação de Paulo e Barnabé, Simão Pedro regressou a Jerusalém com os mensageiros de Tiago.

Em Antioquia, a situação continuou instavel. As discussões estéreis prosseguiam acesas. A influencia judaizante combatia a gentilidade e os cristãos livres opunham resistencia formal ao convencionalismo preconceituoso. O ex-rabino, entretanto, não descansava. Convocou reuniões nas quais esclareceu as finalidades da assembléa que Simão lhes prometera em Jerusalém, na primeira oportunidade. Combatente ativo, multiplicou as energias proprias na sustentação de independencia do cristianismo e prometeu publicamente que traria cartas da igreja dos Apóstolos galileus, que garantissem a posição dos gentios na doutrina consoladora de Jesus, alijando-se as imposições absurdas, no caso da circuncisão.

Suas providencias e promessas acendiam novas lutas. Os observadores rigorosos dos preceitos antigos duvidavam de semelhantes concessões por parte de Jerusalém.

Paulo não desanimou. Intimamente, idealizava sua

chegada á igreja dos Apóstolos, passava em revista, na imaginação superexcitada, toda a argumentação poderosa a empregar, e via-se vencedor na questão que se delineava a seus olhos como de essencial importancia para o futuro do Evangelho. Procuraria mostrar a elevada capacidade dos gentios para o serviço de Jesus. Contaria os sucessos obtidos na longa excursão de mais de quatro anos, através das regiões pobres e quasi desconhecidas, onde a gentilidade havia recebido as noticias do Mestre com intenso júbilo e compreensão muito mais elevada que a dos seus irmãos de raça. Alargando os projetos generosos, deliberou levar em sua companhia o jóvem Tito, que, embora oriundo das fileiras pagãs e não obstante contar vinte anos incompletos, representava na igreja de Antioquia uma das mais lucidas inteligencias a serviço do Senhor. Desde a vinda de Tarso, Tito afeiçoara-se-lhe como um irmão generoso. Notando-lhe a índole laboriosa, ensinara-lhe o officio de tapeceiro e fóra ele o seu substituto na tenda humilde, por todo o tempo que durou a primeira missão. O rapaz seria um expoente do poder renovador do Evangelho. Certamente, quando falasse da reunião, surpreenderia os mais doutos com os seus argumentos de alto teor exegético.

Acariciando esperanças, Paulo de Tarso tomou todas as providencias para que o êxito de seus planos não falhasse.

Ao fim de quatro meses, um emissario de Jerusalém trazia a esperada notificação de Pedro, referente á assembléa. Coadjuvado pela operosidade de Barnabé, o ex-rabino acelerou as providencias indispensaveis. Na véspera de partir, subiu á tribuna e renovou a promessa das concessões esperadas pelo gentilismo, insensível ao sorriso ironico que alguns israelitas disfarsavam cautelosamente.

Na manhã imediata, a pequena caravana partiu. Compunham-na Paulo e Barnabé, Tito e mais dois irmãos, que os acompanhavam em carater de serviço.

Fizeram uma viagem vagarosa, escalando em todas

as aldeias, para as prêgações da Boa Nova, disseminando curas e consolações.

Depois de muitos dias, chegaram a Jerusalém, onde foram recebidos por Simão, com inexcedível contentamento. Em companhia de João, o generoso Apóstolo ofereceu-lhes fraternal acolhida. Ficaram todos no departamento em que se localizavam numerosos necessitados e doentes. Paulo e Barnabé examinaram as modificações introduzidas na casa. Outros pavilhões, embora humildes, estendiam-se além, cobrindo não pequena área.

— Os serviços aumentaram — explicava Simão bondosamente — os enfermos que nos batem às portas, multiplicam-se todos os dias. Foi preciso construir novas dependências.

A fileira de catres parecia não ter fim. Aleijados e velhinhos distraíam-se ao só, entre as árvores amigas do quintal.

Paulo estava admirado com a amplitude das obras. Daí a pouco, Tiago e outros companheiros vinham saudar os irmãos da instituição antioquena. O ex-rabino fixou o Apóstolo que chefiava as pretensões do judaísmo. O filho de Alfeu aparecia-lhe, agora, radicalmente transformado. Suas feições eram de um "mestre de Israel", com todas as características indefiníveis dos hábitos farisaicos. Não sorria. Os olhos deixavam perceber uma presunção de superioridade que raiava pela indiferença. Seus gestos eram medidos como os de um sacerdote do Templo, nos atos cerimoniais. O tecelão de Tarso tirou suas ilações íntimas e esperou a noite em que se iniciariam as discussões preparatórias. A claridade de algumas tochas, sentavam-se em tórno de extensa mesa diversos personagens que Paulo não conhecia. Eram novos cooperadores da igreja de Jerusalém, explicava Pedro, com bondade. O ex-rabino e Barnabé não tiveram boa impressão, á primeira vista. Os desconhecidos assemelhavam-se a figuras do Sinédrio, na sua posição hierárquica e convencional.

Chegados ao recinto, o convertido de Damasco experimentou sua primeira decepção. Observando que os

representantes de Antioquia se faziam acompanhar por um jóvem, Tiago adiantou-se e perguntou:

— Irmãos, é justo saibamos quem é o rapaz que trazeis a este cenaculo discreto. Nossa preocupação é fundamentada nos preceitos da tradição que manda examinar a procedencia da juventude, a-fim-de que os serviços de Deus não sejam perturbados.

— Este é o nosso valoroso colaborador de Antióquia — explicou Paulo entre orgulhoso e satisfeito — chama-se Tito e representa uma de nossas grandes esperanças na seara de Jesus Cristo.

O apóstolo fixou-o sem surpresa e tornou a perguntar:

— E' filho do povo eleito?

— E' descendente de gentios — afirmou o ex-rabino quasi com altivez.

— Circuncidado? — interrogou o filho de Alfeu ciosamente.

— Não.

Este não, de Paulo, foi dito com tal ou qual enfado. As exigencias de Tiago enervavam-no. Ouvindo a negativa, o Apóstolo galileu esclareceu em tom firme: — Pensa, então, que não será justo admiti-lo na assembléa; visto não ter ainda cumprido todos os preceitos.

— Apelamos para Simão Pedro — disse Paulo convicto — Tito é representante de nossa comunidade.

O ex-pescador de Cafarnaum estava lívido. Colocado entre os dois grandes representantes do judaismo e da gentilidade, tinha que decidir cristãmente o impasse inesperado.

Como sua intervenção direta demorasse alguns minutos, o tecelão tarsense continuou:

— Aliás, esta reunião deverá resolver estas questões palpitantes, a-fim-de que se estabeleçam os direitos legítimos dos gentios.

Simão, porém, conhecendo ambos os contendores, deu-se pressa em opinar, exclamando em tom conciliador:

— Sim, o assunto será objeto de nosso atencioso exame na assembléa. — E dirigindo intencionalmente

o olhar ao ex-rabino, prosseguia explicando: — Apelas para mim e aceito o recurso; no entanto, devemos estudar a objeção de Tiago mais detidamente, pois trata-se de um chefe dedicado desta casa e não seria justo desprezar-lhe os prestimos. De fato, o conselho discutirá esses casos, mas isso significa que o assunto ainda não está resolvido. Proponho, então, que o irmão Tito seja circuncidado amanhã, para que participe dos debates com a inspiração superior que lhe conheço. E tão só com essa providencia os horizontes ficarão necessariamente aclarados, para tranquillidade de todos os discípulos do Evangelho.

A sutileza do argumento removeu os impecilhos. Se não agradou a Paulo, satisfez a maioria e, regressando o jóvem de Antioquia para o interior da casa, a assembléa começou pelas discussões preliminares. O ex-rabino estava taciturno e abatido. A attitude de Tiago, os novos elementos estranhos ao Evangelho, que teriam de votar na reunião, o gesto conciliador de Simão Pedro, desgostavam-no profundamente. Aquella imposição no caso de Tito figurava-se-lhe um crime. Tinha impetos de regressar á Antioquia, acusar de hipocritas e "sepulcros caiados" os irmãos judaizantes. Mas, as cartas de emancipação que havia prometido aos companheiros da gentilidade? Não seria mais conveniente realçar seus melindres feridos por amor aos irmãos de ideal? Não seria mais justo aguardar deliberações definitivas e humilhar-se? A lembrança de que os amigos contavam com as suas promessas acalmou-o. Fundamente desapontado, o convertido de Damasco acompanhou atento os primeiros debates. As questões iniciais davam idéia das grandes modificações que procuravam introduzir no Evangelho do Mestre.

Um dos irmãos presentes chegava a ponderar que os gentios deviam ser considerados como o "gado" do povo de Deus: bárbaros que importava submeter á força, e-fim-de serem empregados nos trabalhos mais pesados dos escolhidos. Outro indagava se os pagãos eram semelhantes aos outros homens convertidos a Moisés ou a Jesus. Um velho de feições rígidas, chegava

ao dispaüterio de afiançar que o homem só vingava completar-se depois de circunciso. A' margem da gentilidade, outros temas futeis vinham á bailha. Houve quem lembrasse que a essembléa devia regular os deveres concernentes aos alimentos impuros, bem como sôbre o processo mais adequado á ablução das mãos. Tiago argumentava e discorria como profundo conhecedor de todos os preceitos. Pedro ouvia, com grande serenidade. Nunca respondia quando a tése assumia o carater de conversação, e aguardava momento oportuno para manifestar-se. Somente tomou attitude mais enérgica, quando um dos componentes do conselho pediu para que o Evangelho de Jesus fôsse encorporado ao livro dos profetas, ficando subordinado á Lei de Moisés para todos os efeitos. Foi a primeira vez que Paulo de Tarso notou o ex-pescador intransigente e quasi rude, explicando o absurdo de semelhante sugestão.

Os trabalhos foram paralisados alta noite, em fase de pura preparação. Tiago recolheu os pergaminhos com anotações, orou de joelhos e a assembléa dispersou-se para nova reunião no dia immediato.

Simão procurou a companhia de Paulo e Barnabé, para dirigir-se aos aposentos de repouso.

O tecelão de Tarso estava consternado. A circuncisão de Tito surgia-lhe como derrota dos seus princípios intransigentes. Não se conformava, fazendo sentir ao ex-pescador a extensão de suas contrariedades.

— Mas que vem a ser tão pequena concessão — interrogava o apóstolo de Cafarnaum sempre afavel — em face do que pretendemos realizar? Precisamos de ambiente pacífico para esclarecer o problema da obrigatoriedade da circuncisão. Não firmaste compromisso com o gentilismo de Antioquia?

Paulo recordou a promessa que fizera aos irmãos e concordou:

— Sim, é verdade.

— Reconheçamos, pois, a necessidade de muita calma para chegar ás soluções precisas. As dificuldades, neste sentido, não prevalecem tão só para a igreja antioquina. As comunidades de Cesaréia, de Joppe, bem como

de outras regiões, encontram-se atormentadas por esses casos transcendentales. Bem sabemos que todas as cerimônias externas são de evidente inutilidade para a alma; mas tendo em vista os princípios respeitáveis do judaísmo, não podemos declarar guerra de morte às suas tradições, de um momento para outro. Será justo lutar com muita prudência sem ofender rudemente a ninguém.

O ex-rabino escutou as admoestações do apóstolo e recordando as lutas que ele proprio assistira no ambiente farisáico, pôs-se a meditar silenciosamente.

Mais alguns passos e atingiram a sala arvorada em dormitório de Pedro e João. Entraram. Enquanto Barnabé e o filho de Zebedeu se entregavam a animada palestra, Paulo sentou-se ao lado do ex-pescador, mergulhando-se em profundos pensamentos.

Depois de alguns instantes, o ex-doutor da Lei saindo da sua abstração, chamou Pedro, murmurando:

— Custa-me concordar com a circuncisão de Tito, mas não vejo outro recurso.

Atraídos por aquela confissão, Barnabé e João puseram-se também a ouvi-lo atentamente.

— Mas, curvando-me á providencia — continuou com inexcedível franqueza — não posso deixar de reconhecer no fato uma das mais altas demonstraões de fingimento. Concordarei naquilo que não aceito de modo algum. Quasi me arrependo de ter assumido compromissos com os nossos amigos de Antioquia; não supunha que a política abominavel das sinagogas houvesse invadido totalmente a igreja de Jerusalém.

O filho de Zebedeu fixou no convertido de Damasco os olhos muito lúcidos, ao passo que Simão respondia serenamente:

— A situação é, de fato, muito delicada. Principalmente depois do sacrificio de alguns companheiros mais amados e prestimosos, as dificuldades religiosas em Jerusalém multiplicam-se todos os dias.

E vagueando o olhar pelo aposento, como se quisesse traduzir fiélmente o seu pensamento, continuou:

— Quando se agravou a situação, cogitei da possibilidade de me transferir para outra comunidade; em

seguida, pensei em aceitar a luta e reagir; mas, uma noite, tão bela como esta, orava eu neste quarto, quando percebi a presença de alguém que se aproximava devagarinho. Eu estava de joelhos quando a porta abriu-se com imensa surpresa para mim. Era o Mestre! Seu rosto era o mesmo dos formosos dias do Tiberiades. Fitou-me grave e terno, e falou: — “Pedro, atende aos “filhos do Calvário”, antes de pensar nos teus caprichos!” A maravilhosa visão durou um minuto, mas, logo após, pús-me a recordar os velhinhos, os necessitados, os ignorantes e doentes que nos batem á porta. O Senhor recomendava-me atenção para os portadores da cruz. Desde então, não desejei mais que servi-Lo.

O apóstolo tinha os olhos húmidos e Paulo sentia-se bastante impressionado, pois lembrava que ouvira a expressão “filhos do Calvário” dos lábios espirituais de Abigail, quando da sua gloriosa visão, no silencio da noite, quando se aproximava de Tarso.

— Com efeito, grande é a luta — concordou o convertido de Damasco, parecendo mais tranquilo.

E mostrando-se convicto da necessidade de examinar o realismo da vida comum, não obstante a beleza das prodigiosas manifestaões do plano invisível, voltou a dizer:

— Entretanto, precisamos, encontrar um meio de libertar as verdades evangelicas do convencionalismo humano. Qual a razão principal da preponderancia farisáica na igreja de Jerusalém?

Simão Pedro esclareceu sem reboços:

— As maiores dificuldades giram em tórno da questão monetaria. Esta casa alimenta mais de cem pessoas, diariamente, além dos serviços de assistencia aos enfermos, aos orfãos e aos desamparados. Para a manutenção dos trabalhos são indispensaveis muita coragem e muita fé, porque as dívidas contraídas com os socorrenes da cidade são inevitaveis.

— Mas os doentes — interrogou Paulo atencioso — não trabalham depois de melhorados?

— Sim — explicou o apóstolo — organizei serviços de plantação para os restabelecidos e impossibilitados

de se ausentarem logo de Jerusalém. Com isso, a casa não tem necessitado de comprar hortaliças e frutas. Quanto aos melhorados, vão tomando o encargo de enfermeiros dos mais desfavorecidos da saúde. Essa providência permitiu a dispensa de dois homens remunerados, que nos auxiliavam na assistência aos loucos incuráveis ou de cura mais difícil. Como vê, estes detalhes não foram esquecidos e mesmo assim a igreja está onerada de despesas e dívidas que só a cooperação do judaísmo pode atenuar ou desfazer.

Paulo compreendeu que Pedro tinha razão. No entanto, ansioso de proporcionar independência ao esforço dos irmãos de ideal, considerou:

— Advirto, então, que precisamos instalar aqui elementos de serviço que habilitem a casa a viver de recursos próprios. Os orfãos, os velhos e os homens aproveitáveis poderão encontrar atividade além dos trabalhos agrícolas e produzir alguma coisa para a renda indispensável. Cada qual trabalharia de conformidade com as próprias forças, sob a direção dos irmãos mais experimentados. A produção do serviço garantiria a manutenção geral. Como sabemos, onde ha trabalho ha riqueza, e onde ha cooperação ha paz. E' o unico recurso para emancipar a igreja de Jerusalém das imposições do farisaísmo, cujas artimanhas conheço desde o princípio de minha vida.

Pedro e João estavam maravilhados. A idéia de Paulo era excelente. Vinha ao encontro de suas preocupações ansiosas, pelas dificuldades que pareciam não ter fim.

— O projeto é extraordinário — disse Pedro — e viria resolver grandes problemas de nossa vida.

O filho de Zebedeu, que tinha os olhos radiantes de júbilo, atacou, por sua vez, o assunto, objetando:

— Mas, o dinheiro? Onde encontrar os fundos indispensáveis ao grandioso empreendimento?!...

O ex-rabino entrou em profunda meditação e esclareceu:

— O Mestre auxiliará nossos bons propositos. Barnabé e eu empreendemos longa excursão a serviço

do Evangelho e vivemos, em todo o seu transcurso, a expensas do nosso trabalho. Eu tecelão, ele oleiro, em atividade provisória nos lugares onde passámos. Realizada a primeira experiencia, poderíamos voltar agora ás mesmas regiões e visitar outras, pedindo recursos para a igreja de Jerusalém. Provaríamos nosso desinteresse pessoal, vivendo á custa de nosso esforço e recolhíamos as dádivas por toda parte, concientes de que, se temos trabalhado pelo Cristo, será justo tambem pedirmos por amor ao Cristo. A coleta viria estabelecer a liberdade do Evangelho em Jerusalém, porque representaria o material indispensavel a edificações definitivas no plano do trabalho remunerador.

Estava esboçado, assim, o programa a que o generoso Apóstolo da gentildade haveria de submeter-se pelo resto de seus dias. Seu desempenho teria de sofrer as mais crúas acusações; mas, no santuário do seu coração devotado e sincero, Paulo, a par dos gloriosos serviços apostólicos, levaria a coleta em favor de Jerusalém, até o fim da existencia terrestre.

Ouvindo-lhe os planos, Simão levantou-se e abraçou-o, dizendo comovido:

— Sim, meu amigo, não foi em vão que Jesus te buscou pessoalmente ás portas de Damasco.

Fato pouco vulgar na sua vida, Paulo tinha os olhos razos de pranto. Fitou o ex-pescador de modo significativo, considerando intimamente suas dívidas de gratidão ao Salvador, e murmurou:

— Não farei mais que o meu dever. Nunca poderei olvidar que Estevam saiu dos catres desta casa, que já serviram igualmente a mim proprio.

Todos estavam extremamente sensibilizados. Barnabé comentou a idéia com entusiasmo e enriqueceu o plano de numerosos pormenores.

Nessa noite, os dedicados discipulos do Cristo so-nharam com a independencia do Evangelho em Jerusalém; com a emancipação da igreja, isenta das absurdas imposições da sinagoga.

No dia imediato procedeu-se, solenemente, á cir-

cuncisão de Tito, sob a direção cuidadosa de Tiago e com a profunda repugnância de Paulo de Tarso.

As assembléas noturnas continuaram por mais de uma semana. Nas primeiras noites, preparando terreno para advogar abertamente a causa da gentildade, o ex-pescador de Cafarnaum solicitou aos representantes de Antioquia expusessem a impressão das visitas aos pagãos de Chipre, Panfília, Písidia e Licaonia. Paulo fundamente contrariado com as exigências aplicadas a Tito, pediu a Barnabé falasse em seu nome.

O ex-levita de Chipre fez extenso relato de todos os acontecimentos, provocando imensa surpresa a quantos lhe ouviam as referências ao extraordinário poder do Evangelho, entre aqueles que ainda não haviam esposado uma crença pura. Em seguida, atendendo ainda a observações de Paulo, Tito falou, fazendo-se admirar pelo próprio Tiago, que o abraçou mais de uma vez, profundamente comovido com a interpretação dos ensinamentos de Cristo e mostrando possuir formosos dons de profecia.

A termo dos trabalhos, discutia-se ainda a obrigatoriedade da circuncisão para os gentios. O ex-rabino seguia os debates, silencioso, admirando o poder de resistência e tolerância de Simão Pedro.

Quando o ex-pescador reconheceu que as divergências prosseguiriam indefinidamente, levantou-se e pediu a palavra, fazendo a generosa e sábia exortação de que os Atos dos Apóstolos (15: 7-11) fornecem notícia:

— Irmãos — começou a dizer em atitude enérgica e serena — bem sabeis que, de ha muito Deus nos elegeu para que os gentios ouvissem as verdades do Evangelho e cressem no seu Reino. O Pai que conhece os corações, deu aos circuncisos e aos incircuncisos a palavra do Espírito Santo. No dia glorioso do Pentecostes as vozes falaram na praça pública de Jerusalém, para os filhos de Israel e dos pagãos. O Todo-Poderoso determinou que as verdades fossem anunciadas indistintamente. Jesus afirmou que os cooperadores do Reino chegariam do Oriente e do Ocidente. Não compreendo tantas controvérsias, quando a situação é tão clara aos nossos olhos.

O Mestre exemplificou a necessidade de harmonização constante. Palestrava com os doutores do Templo; frequentava a casa dos publicanos; tinha expressão de bom ânimo para todos os que se baldavam de esperança; aceitou o derradeiro suplício entre os ladrões. Por que motivo devemos guardar uma pretensão de isolamento daqueles que experimentam a necessidade maior? Outro argumento que não deveremos esquecer é o da chegada do Evangelho ao mundo, quando já possuíamos a Lei. Se o Mestre no-lo trouxe, amorosamente, com os mais pesados sacrifícios, seria justo enclausurarmos nas tradições convencionais, esquecendo o campo de trabalho? Não mandou o Cristo que pregássemos a Boa-Nova a todas as nações? Claro que não poderemos desprezar o patrimonio dos israelitas. Temos de amar nos filhos da Lei, que somos nós, a expressão de profundos sofrimentos e de elevadas experiências que nos chegam ao coração através de quantos precederam o Cristo, na tarefa milenária de preservar a fé no Deus único; mas esse reconhecimento deve inclinar nossa alma para o esforço na redenção de todas as criaturas. Abandonar o gentio á propria sorte seria criar duro cativo, ao invés de praticar aquele amor que apaga todos os pecados. E' pelo fato de muito compreendermos os judeus e de muito estimarmos os preceitos divinos, que precisamos estabelecer a melhor fraternidade com o gentio, convertendo-o em elementos de frutificação divina. Cremos que Deus nos purifica o coração pela fé e não pelas ordenanças do mundo. Se hoje rendemos graças pelo triunfo glorioso do Evangelho, que instituiu a nossa liberdade, como impôr aos novos discípulos um jugo que, intimamente, não podemos suportar? Suponho, então, que a circuncisão não deva constituir ato obrigatório para quantos se convertam ao amor de Jesus Cristo, e creio que só nos salvaremos pelo favor divino do Mestre, estendido generosamente a nós e a eles também.

A palavra do apóstolo caíra na fervura das opiniões como forte jato de agua fria. Paulo estava radiante, ao

passo que Tiago não conseguia ocultar o desapontamento.

A exortação do ex-pescador dava margem a numerosas interpretações; se falava no respeito amoroso aos judeus, referia-se também a um jugo que não podia suportar. Ninguém, todavia, ousou negar-lhe a prudência e bom senso indubitáveis.

Terminada a oração, Pedro rogou a Paulo falasse de suas impressões pessoais, a respeito do gentio. Mais esperançado, o ex-rabino tomou a palavra pela primeira vez, no conselho, e convidando Barnabé ao comentário geral, ambos apelaram para que a assembléa concedesse a necessária independência aos pagãos, no que se referia à circuncisão.

Havia, em tudo, agora, uma nota de satisfação geral. As observações de Pedro calaram fundo em todos os companheiros. Foi então que Tiago tomou a palavra, e vendo-se quasi só no seu ponto de vista, esclareceu que Simão fôra muito bem inspirado em seu apelo; mas pediu três emendas para que a situação ficasse bem esclarecida. Os pagãos ficavam isentos da circuncisão, mas deviam assumir o compromisso de fugir da idolatria, evitar a luxúria e abster-se das carnes sufocadas.

O apóstolo dos gentios estava satisfeito. Fôra removido o maior obstáculo.

No dia seguinte os trabalhos foram encerrados, lavrando-se as resoluções em pergaminho. Pedro providenciou para que cada irmão levasse consigo uma carta, como prova das deliberações, em virtude da solicitação de Paulo, que desejava exhibir o documento como mensagem de emancipação da gentilidade.

Interpelado pelo ex-pescador, quando se achavam a sós, sobre as impressões pessoais dos trabalhos, o ex-doutor de Jerusalém esclareceu com um sorriso:

— Em suma, estou satisfeito. Ficou resolvido o mais difícil dos problemas. A obrigatoriedade da circuncisão para os gentios representava um crime aos meus olhos. Quanto ás emendas de Tiago, não me impressionam, porquanto a idolatria e a luxúria são atos

detestáveis para a vida particular de cada um; e quanto ás refeições, supponho que todo cristão poderá comer como melhor lhe pareça, desde que os excessos sejam evitados.

Pedro sorriu e explicou ao ex-rabino seus novos planos. Comentou, esperançoso, a idéia da coleta geral em favor da igreja de Jerusalém, e, evidenciando a peculiar prudência, falou preocupado:

— Teu projeto de excursão e propaganda da Boa Nova, procurando angariar alguns recursos para solução de nossos mais sérios encargos, causa-me justa satisfação; entretanto, venho refletindo na situação da igreja antioquena. Pelo que observei de visu, conclúo que a instituição necessita de servidores dedicados que te substituam nos trabalhos constantes de cada dia. Tua ausência, ademais com Barnabé, trará dificuldades, caso não tomemos as providencias precisas. Eis porque te ofereço a cooperação de dois companheiros devotados, que me têm substituído aqui nos encargos mais pesados. Trata-se de Silas e Barsabás, dois discípulos amigos da gentilidade e dos princípios liberais. De vez em quando, entram em desacôrdo com Tiago, como é natural, e, segundo creio, serão ótimos auxiliares do teu programa.

Paulo viu no alvitre a providência que desejava. Junto de Barnabé, que participava da conversação, agradeceu ao ex-pescador, profundamente sensibilizado. A igreja de Antioquia teria os recursos necessarios que os trabalhos evangélicos requeriam. A medida proposta era-lhe muito grata, mesmo porque, desde logo tivera por Silas grande simpatia, presumindo nele um companheiro leal, expedito e dedicado.

Os missionários de Antioquia ainda se demoraram três dias na cidade, após o encerramento do conselho, tempo esse que Barnabé aproveitou para repousar em casa da irmã. Paulo, contudo, declinou do convite de Maria Marcos e permaneceu na igreja, estudando a situação futura, em companhia de Simão Pedro e dos dois novos colaboradores.

Em atmosfera de grande harmonia, os trabalhado-

res do Evangelho versaram todos os requisitos do projeto.

Fato digno de nota a reclusão de Paulo, junto aos Apóstolos galileus, jamais saindo á rua, para não entrar em contacto com o cenário vivo do seu passado tumultuoso.

Finalmente, tudo pronto e ajustado, a missão se dispôs a regressar. Havia em todas as fisionomias um sinal de gratidão e de esperança santificada nos dias do porvir. Verificava-se, no entanto, um detalhe curioso, que é indispensável destacar. Solicitado pela irmã, Barnabé dispusera-se a aceitar a contribuição de João Marcos, em nova tentativa de adaptação ao serviço do Evangelho. Considerando a boa intenção com que acedera aos pedidos da irmã, o ex-levita de Chipre achou desnecessário consultar o companheiro de esforços comuns. Paulo, porém, não se magoou. Acolheu a resolução de Barnabé, um tanto admirado, abraçou o jovem afetuosamente e esperou que o discípulo de Pedro se pronunciasse, quanto ao futuro.

O grupo, acrescido de Silas, Barsabás e João Marcos, pôs-se a caminho para Antioquia, nas melhores disposições de harmonia.

Revesando-se na tarefa de prégação das verdades eternas, anunciavam o Reino de Deus e faziam curas por onde passavam.

Chegados ao destino, com grandes manifestações de júbilo da gentildade, organizaram o plano colimado para dar-lhe imediata eficiência. Paulo expôs o propósito de voltar ás comunidades cristãs já fundadas, estendendo a excursão evangélica por outras regiões onde o cristianismo não fôsse conhecido. O plano recebeu aprovação geral. A instituição antioquina ficaria com a cooperação direta de Barsabás e Silas, os dois companheiros devotados que, até ali, haviam constituído duas fortes colunas de trabalho em Jerusalém.

Apresentado o relatório verbal dos esforços em perspectiva, Paulo e Barnabé entraram a cogitar das últimas disposições particulares.

— Agora — disse o ex-levita de Chipre — espero concordes com o que resolvi relativamente ao João.

— João Marcos? — interrogou Paulo admirado.

— Sim, desejo leva-lo conosco, a-fim-de afeiçoá-lo á tarefa.

O ex-rabino franziu o sobrecenho num gesto muito seu, quando contrariado, e exclamou:

— Não concordo; teu sobrinho está ainda muito jovem para o cometimento.

— Entretanto, prometi á minha irmã acolhe-lo em nossos labores.

— Não pode ser.

Estabeleceu-se entre os dois uma contenda de palavras, na qual Barnabé deixava perceber seu descontentamento. O ex-rabino procurava justificar-se, ao passo que o discípulo de Pedro alegava o compromisso assumido e impugnava, com tal ou qual amargura, a atitude do companheiro. O ex-doutor, contudo, não se deixou convencer. A readmissão de João Marcos, dizia, não era justa. Poderia falhar novamente, fugir aos compromissos assumidos, desprezar a oportunidade do sacrifício. Lembrava as perseguições de Antioquia da Pisídia, as enfermidades inevitáveis, as dores morais experimentadas em Icônio, o apedrejamento cruel na praça de Listra. Acaso o rapaz estaria preparado, em tão pouco tempo, para compreender o alcance de todos esses acontecimentos, em que a alma era compelida a regosijar-se com o testemunho?

Barnabé estava maguado, de olhos húmidos.

— Afinal, disse em tom comovedor, nenhum desses argumentos me convence e me esclarece, em consciencia. Primeiramente, não vejo porque desfazer nossos laços afetivos...

O ex-rabino não o deixou terminar e concluiu:

— Isso nunca. Nossa amizade está muito acima destas circunstancias. Nossos élos são sagrados.

— Pois bem — acentuou Barnabé — como interpretar, então, tua recusa? Por que negarmos ao rapaz uma nova experiencia de trabalho regenerativo? Não

será falta de caridade desprezar um ensejo talvez providencial?

Paulo fixou demoradamente o amigo e acrescentou:

— Minha intuição, neste sentido, é diversa da tua. Quasi sempre, Barnabé, a amizade a Deus é incompatível com a amizade ao mundo. Levantando-nos para a execução fiel do dever, as noções do mundo se levantam contra nós. Parecemos maus e ingratos. Mas, ouve-me: ninguém encontrará fechadas as portas da oportunidade, porque é o Todo-Poderoso quem no-las abre. A ocasião é a mesma para todos, mas os campos devem ser diferentes. No trabalho propriamente humano, as experiências podem ser renovadas todos os dias. Isso é justo. Mas considero que, no serviço do Pai, se interrompemos a tarefa começada, é sinal de que ainda não temos todas as experiências indispensáveis ao homem completo. Se a criatura ainda não sabe todas as noções mais nobres, relativas à sua vida e deveres terrestres, como consagrar-se com êxito ao serviço divino? Naturalmente que não podemos ajuizar se este ou aquele já terminou o curso de suas demonstrações humanas e que, de hoje por diante, esteja apto ao serviço do Evangelho, porque, neste particular, cada um se revelará por si. Creio, mesmo, que teu sobrinho atingirá essa posição, com mais algumas lutas. Nós, entretanto, somos forçados a considerar que não vamos tentar uma experiência, mas um testemunho. Compreendes a diferença?

Barnabé compreendeu o imenso alcance daquelas razões concisas, irrefutáveis, e calou-se para dizer daí a momentos:

— Tens razão. Desta vez não poderei, portanto, ir contigo.

Paulo sentiu toda a tristeza que transbordava daquelas palavras e, depois de meditar longo tempo, acentuou:

— Não nos entristecemos. Estou refletindo na possibilidade de tua partida, com João Marcos, para Chipre. Ele encontraria, ali, um campo adequado aos trabalhos que lhe são necessários e, ao mesmo tempo, cuidaria da organização que fundámos na Ilha. Dentro deste plano,

continuaríamos em cooperação perfeita, mesmo no que se refere à coleta para a igreja de Jerusalém. Desnecessário será dizer da utilidade de tua presença em Neapaphos e Salamina. Quanto a mim, tomaria a Silas, internando-me pelo Tauros e a igreja de Antioquia ficará com a cooperação de Barsabás e Tito.

Barnabé ficou contentíssimo. O projeto pareceu-lhe admirável. Paulo continuava, a seus olhos, como o companheiro das soluções oportunas.

E, dentro de breves dias, a caminho de Chipre, onde serviria a Jesus até que partisse, mais tarde, para Roma, Barnabé foi com o sobrinho para Seleucia, depois de se abraçarem, ele e Paulo, como dois irmãos muito amados, que o Mestre chamava a diferentes destinos.